

Educação a distância: ansiedade e encantamento

05/2008

Profª. Drª. Márcia A G Molina
UNISA – Universidade de Santo Amaro
maguemol@yahoo.com.br

Profª Dnda. Sandra da Costa Lacerda
UNISA – Universidade de Santo Amaro
sandra.lacerda@terra.com.br

Categoria: Pesquisa e Avaliação

Setor Educacional: Educação Universitária

Natureza do Trabalho: Descrição de Projeto em Andamento

Classe: Experiência Inovadora

RESUMO

Neste trabalho, primeiramente, traçamos uma história da Educação a Distância no mundo, no Brasil e, finalmente, em nossa Instituição, apontando as dificuldades por que passamos na implementação dessa nova modalidade de Ensino. A seguir, relatamos o observado em um estudo realizado por nós, coordenadoras e professoras de Educação a Distância, em que analisamos, principalmente, quais as dificuldades expostas pelos alunos do Curso de Letras e de Pedagogia tanto no Fórum como no Mural, a fim de, verificando quais são as dificuldades mais comumente por eles verbalizadas, propormos soluções para resolvê-las. Ao final do trabalho, pudemos verificar que os alunos têm muita dificuldade inicial com a utilização da ferramenta e aqueles que pensam ser a Educação a Distância um curso vago, em que todos terão, ao final do curso, seu certificado de conclusão, acabam por não terminá-lo. Nossa prática tem nos mostrado o quão são importantes as palavras de Moran (2005): “O grande educador atrai não só pelas suas idéias, mas pelo contato pessoal. Há sempre algo surpreendente, diferente no que diz, nas relações que estabelece, na sua forma de olhar (...) de agir.”

Palavras Chaves: Educação a Distância, Formação, Interatividade, Alunos, Professores, Dificuldades e Avanços.

Considerações Iniciais

Ensina-nos Azevedo (2007) que a notícia mais antiga que se tem a respeito de Educação a Distância (EaD) é um anúncio publicado em um jornal de Boston, no século XVIII, no qual se divulgava um curso de taquigrafia, cujas lições poderiam ser enviadas semanalmente à casa dos interessados. Depois disso, outras formas de outros registros datam do século XIX, por volta de 1856 e, ao final desse século, já havia instituições formalmente constituídas

para a prática da EaD como a ICS – International Correspondence School, fundada em 1891 nos Estados Unidos.

No Brasil, a EaD nasceu no século XX. Azevedo (2007) aponta que em 1904 já se tem registro de ensino por correspondência, mas para Saraiva (1996), tem ela início mesmo, no Brasil, entre 1922 e 1925, com Roquete Pinto e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a partir da inserção de trechos da programação dedicados à radiodifusão da cultura, com a finalidade de ampliar o acesso à Educação. Em seguida, registram-se algumas experiências feitas pela Marinha e pelo Exército Brasileiro, pelo Instituto Rádio Monitor, criado em 1939, assim como pelo Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941. Estes últimos existem ainda hoje. A essas, seguiram-se outras iniciativas, tais como o Projeto Minerva, na década de 70 do século XX, as tevês educativas, como a Fundação Padre Anchieta, em São Paulo, e a Fundação Educacional Pe. Landell de Moura¹. Vale citar aqui o importante papel desempenhado na educação pelos Telecurso 1º grau, o 2º grau e o 2000, iniciativas da Rede Globo de Televisão que conta com o apoio de outras tevês educativas e, finalmente, o IOB – Informações Objetivas, órgão voltado para a área de serviços.

Durante esse seu existir, o modelo e o mais duradouro foi o do Ensino por Correspondência, largamente adotado até os dias atuais, utilizando-se de material impresso com suporte de tutoria oferecido por diversos meios. Posteriormente, foi implementado à Educação a Distância o uso de áudio-cassete, vídeo-cassete, teleducação, e-learning etc. e, cada uma dessas “etapas”, representa um degrau de aperfeiçoamento e eficiência a tal tipo de Educação.

Então, pode-se perceber que a EaD não possui limitações de modelo, contanto que se mostre um processo essencialmente centrado no aluno:

O aluno é considerado parte central desta nova modalidade de ensino para onde convergem os recursos metodológicos, a aplicação das novas tecnologias de informação e comunicação. (Azevedo, 2007, pág. 10)

Por isso, julga-se eficaz aquele que melhor o atender, garantindo-lhe uma educação permanente ou continuada assegurando-lhe sua atualização e seu progresso social.

Mas, devido ao caráter inovador, ao mesmo tempo em que se dá o aprendizado do aluno, dá-se também o do professor. Nesse sentido, Tavares (2006, pág.1) assevera:

A aprendizagem colaborativa é um processo importante para o compartilhamento de um objetivo comum, e sua metodologia envolve a interação, que deve romper a lógica de ensino tradicional para uma prática mais inovadora, promovendo uma relação afetiva com o conhecimento, de forma reflexiva e mais autônoma. (...)

O trabalho do professor se dá com os alunos e não sobre eles ou do professor consigo mesmo. (...)

Relativamente à sua qualidade, pode-se dizer que a Educação a Distância é a modalidade educacional, cujos profissionais devem se preocupar muitíssimo com metodologias e contínuo aperfeiçoamento, passando por inúmeros treinamentos, cada qual ajustado ao modelo implementado em sua Instituição, ao seu tempo e ao seu universo de alunos.

Contudo, o recurso mais adotado ultimamente tem sido o da

tecnologia, que está mudando o perfil das universidades no mundo todo. Já se fala em mega-universidades, que se espalham lentamente, ou seja, instituições com mais de cem mil alunos, como as corporativas americanas, que congregam também um grande número de alunos. A Corporate University Xchange Inc., por exemplo, possui um conjunto de mais de 4 milhões de alunos, formado por trabalhadores que estudam e se aperfeiçoam dentro das próprias empresas.

As universidades brasileiras devem criar cada vez mais cursos a distância, a fim de que possamos ter indivíduos em constante aprendizagem e garantir uma educação continuada, capacitando trabalhadores e docentes que, por sua vez, sejam capazes de multiplicar conhecimento.

Preocupados com esse tipo de Educação - que a cada dia vem, mais e mais, fazer parte do mundo acadêmico brasileiro - é que aí centramos esse estudo.

Coordenadoras do Curso de Pedagogia e de Letras de uma instituição de ensino brasileira e professoras nessa modalidade há mais de dois anos, objetivamos relatar as experiências por que temos passado e os resultados por nós obtidos em nossa prática, durante esse percurso de aprender-educar.

O trabalho resulta da análise de algumas trocas de correspondências colocadas no Fórum e no Mural, estabelecidas entre nós e o alunado nas quais procuramos verificar quais as dúvidas que aparecem com mais frequência e o desempenho global dos estudantes no tocante à aquisição e desenvolvimento de seu aprendizado e de sua exteriorização por meio da língua, para que, compreendendo melhor o universo com o qual trabalhamos, melhor possamos atuar na resolução das dificuldades.

Os seguintes autores servirão de base para esse estudo: Moran (2002, 2006); Cavalcanti (2006), Azevedo (2007) e Demo (2006), especialmente.

O despertar do EaD em nossa Instituição

Trabalhamos em uma Instituição de Ensino da Zona Sul de São Paulo, há alguns anos. Em 2006, fomos chamadas pela Direção Acadêmica para fazermos parte de um setor que seria inaugurado em outubro daquele ano, o setor Digital. Sem saber muito bem do que se tratava, fomos informadas de que começaríamos o Ensino a Distância, com os cursos de Administração, Pedagogia e Segurança do Trabalho. Participamos de inúmeras reuniões, nas quais éramos orientadas a respeito do material, das ferramentas, etc.

De todos a quem narrávamos essa inovadora experiência, ouvíamos críticas absolutamente negativas:

- Ensino a Distância? Se presencialmente, a educação já está um horror, o que dizer a distância?

Caminhando sobre ovos, íamos participando das reuniões, preparando sem bem entender o material... até que chegaram os treinamentos.

Treinamento para usarmos a plataforma na qual inseriríamos o conteúdo; para as aulas web, treinamento de TV, noções de maquiagem, vestimenta, etc.

Um dia, somos chamadas para a gravação de um comercial que seria apresentado na TV Universitária a respeito da implementação do nosso EaD. Presentes todos os mais importantes nomes da Instituição. Infinitas vezes, foram gravadas tomadas. Tomadas e mais tomadas... Aquele era um momento solene, que surtiu efeito. No primeiro vestibular, já conseguimos formar classes

nos três cursos. O de Letras e outros mais, teriam início em 2006.

Começamos nossa prática nessa nova modalidade de ensino e, juntamente com os alunos, deu-se início o nosso aprendizado.

A primeira aula ao vivo, dada pela Prof^a Sandra Lacerda, foi um sucesso. Os alunos gostaram, a direção da Instituição, orgulhosa, mais ainda.

Eram cinqüenta e poucos alunos em Pedagogia. Hoje, mais de dois mil e quinhentos. O de Letras, licenciatura em Português, conta hoje com mais de seiscentos. E muitos outros cursos foram implantados pela Instituição que já está com mais de oito mil alunos, em inúmeros pólos pelo Brasil.

Nossa sociedade tem em seu benefício a possibilidade de freqüentar um Curso Superior de qualidade e seriamente pensado, e é sobre ele que discutiremos a seguir.

No início, as dificuldades

Começar algo novo, não é fácil para ninguém. Quebrar paradigmas construídos há séculos, mais difícil ainda. E esses impunham-se tanto para os profissionais, quanto para os alunos. Muitos, tanto professores como os estudantes, ingressaram na Educação a Distância pensando tratar-se de curso vago, em que não se exigia freqüência e que teriam, mesmo sem demonstrar aprendizado, um certificado ao final dos anos letivos. Pallof e Pratt (2004), *apud* Azevedo (*opus cit*, pág. 21), alertam:

É responsabilidade do professor determinar o tom e começar com um conjunto de expectativas de participação a que os alunos possam responder com bastante liberdade, mas para que isso ocorra de forma eficaz, o aluno virtual deve ser aberto, flexível, honesto e ter, de fato, vontade de assumir a responsabilidade pela formação da comunidade e para o processo de aprendizagem *on-line*.

E, realmente, encontramos pessoas não descritas nesse perfil, mas essas foram ficando ao longo do caminho, assim que percebiam a seriedade de nosso trabalho...

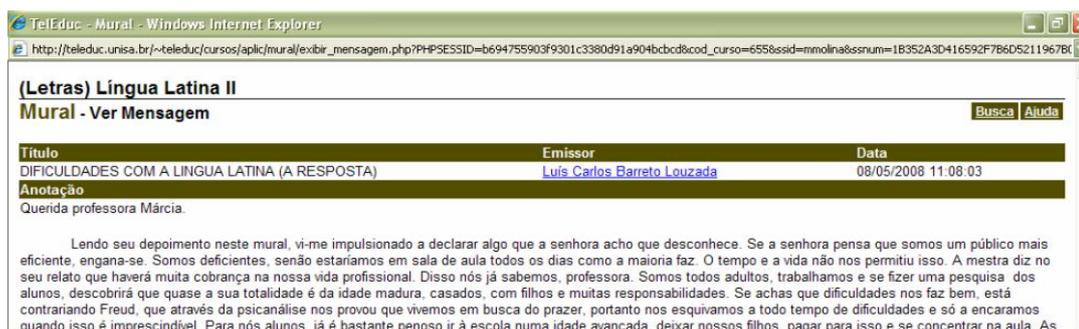


Ilustração 1 – Mensagem enviada ao Professor Auxiliar pelo Mural

Além dessa barreira, encontramos uma outra: as ferramentas com que trabalhávamos. Era difícil para os alunos entenderem seu funcionamento era complicado aos professores interagirem com ela. Entrávamos ao vivo inúmeras vezes para explicar aos alunos e professores dos pólos com acessá-la, como responder às atividades, como participar dos fóruns e salas de bate-papo... mas os alunos não estavam acostumados a acompanhar nem as aulas muito bem, quanto mais as orientações.

Veza por outra ainda, as ferramentas, como todos os dispositivos on-line, entravam em pane. Quantos de nós não ficamos preocupados na entrega

de nossos impostos e o site não abre, ou fica muito lento? O mesmo acontecia na véspera da entrega das atividades. E eram reclamações e processos acadêmicos. E essas atividades fazem parte do rol de problemas com os quais nos deparamos em nosso dia-a-dia.

Vejam, por exemplo, a página do Mural da disciplina que ministramos, em que muitas dessas questões vêm verbalizadas:

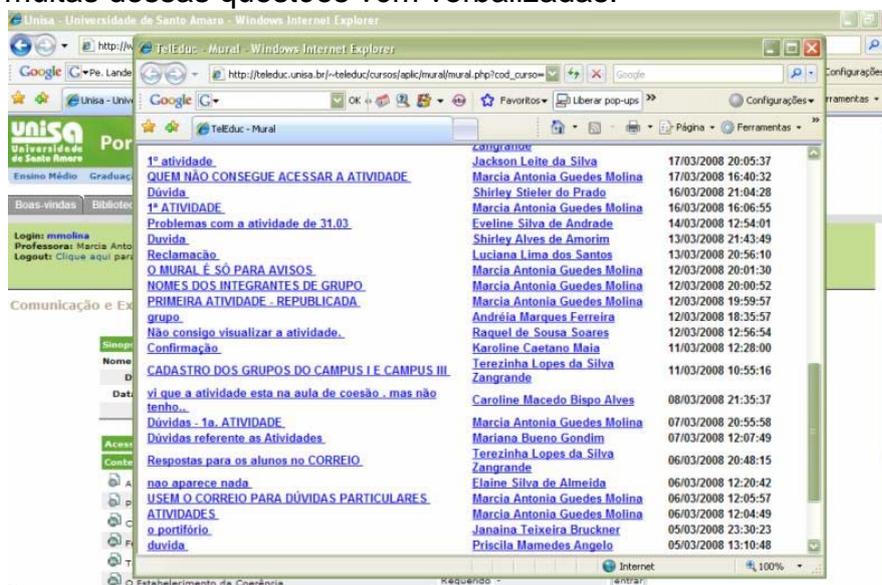


Ilustração 2 – Lista das mensagens enviadas pelo Mural

Muitos professores, não habituados a corrigir atividades via computador, acabavam esquecendo de avaliá-las, ou efetivando a ata antes mesmo de finda a correção, não colocando comentários, ou seja, não construindo o conhecimento do aluno, cooperando, portanto, para mais e mais processos acadêmicos que iam se avolumando, avolumando...

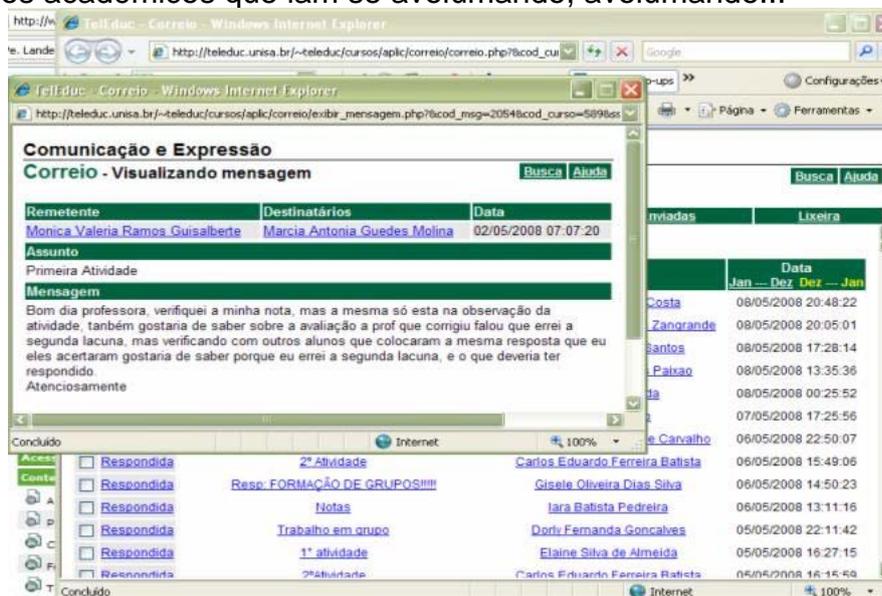


Ilustração 3 – Solicitação de revisão da correção via Correio

Chegavam em nossas mãos inúmeros processos de revisão de nota que, respondidos, refletiam que algo deveria ser melhorado. Colocamos uma auxiliar que, logo depois de terminado o prazo de entrega das atividades, faz o que chamamos de “operação pente-fino”, ou seja, verifica em todas as disciplinas se as atividades estão corrigidas, avaliadas e comentadas.

E os alunos, muitos não crédulos de que elas seriam de fato avaliadas, nem as postavam... Quando viam que realmente faziam parte da avaliação, queriam porque queriam que abrissemos exceções, aceitássemos atividades, ou déssemos outras em seu lugar... Afinal, não estavam ainda acostumados com o que chamamos de “formação permanente”.

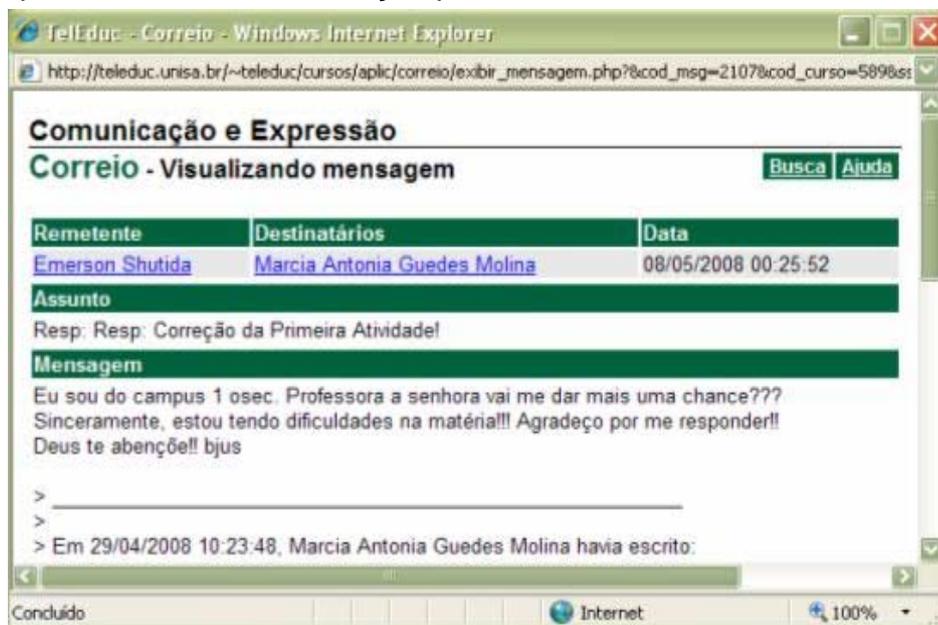


Ilustração 4 – Solicitação de validação da atividade via Correio

Lembramos que Demo (*opus cit.*, pág. 31) dá três definições para esse termo: o primeiro é que *tende a desaparecer a formatação de épocas formais de formação*, ou seja, para o autor, aprende-se a vida toda, não em certos momentos e lugares. O segundo, diz respeito ao *horizonte formativo*, isto é, *aquele através do qual a aprendizagem se torna dinâmica constitutiva pela vida afora* (idem, pág. 34); e a última, realça *a dialética entre o que fica e o que passa* (idem, pág. 36).

A construção de sua formação permanente é ainda muito difícil para todos os estudantes. Frequentemente temos relato de pólos em que um aluno faz a atividade e os demais colocam o nome e trabalhamos muito para que atitudes como tais não sejam mais repetidas. Felizmente, as provas são presenciais, assim nos julgamos mais salvaguardadas nesse sentido.

Apesar de nossos esforços, procuramos pensar que o aluno é quem gerará seu conhecimento e que, de uma forma ou de outra, acabará entendendo que a não realização das tarefas será prejuízo para si e somente para si. O que vemos hoje, em meados do segundo ano de nossa Educação a Distância é que esses problemas são sensivelmente diminuídos, porque, especialmente aqueles que não estudaram, não se esforçaram tiram nota baixa em provas, devendo depois cursar novamente uma ou outra disciplina em regime de dependência. Isso quer dizer que, aos poucos, os alunos vão *aprendendo a aprender*, ou seja, assumem, como diz, Vitorino (*opus cit.*, pág. 65) papel de investigadores, procurando temas que lhes interesse, estudando *a qualquer hora e em seu ritmo*.

Como o passar dos anos, uma outra dificuldade está sendo vencida: o departamento de tecnologia da Instituição está cada vez mais se aprimorando no sentido de garantirem que um maior número de pessoas tenham acesso simultâneo ao portal sem haver congestionamento. E as coisas vão se

normalizando...

Um outro problema com que nos deparamos na Educação a Distância é a questão dos prazos para execução e publicação de material. Na Instituição em que trabalhamos, os cursos são modulares e os módulos são trimestrais. Nesse sentido, começado um novo módulo, já temos de pensar e organizar o material para o seguinte, o que nos faz produtores intelectuais em série, fato muito preocupante, porque pode vir a comprometer nossa atualização com a leitura de literatura específica e cursos em nossas áreas. Isto quer dizer que, aqueles profissionais que se voltam à EAD, mergulham nela de corpo e alma, todos os dias da semana, todos os fins-de-semana e dias santos. Férias? Sim, claro. Pelo menos para leituras extras, referentes ao conteúdo ministrado. Moran (2005, pág.) alerta: *Um bom curso a distância não valoriza só os materiais feitos com antecedência, mas como eles são pesquisados, trabalhados, apropriados, avaliados.*

Quando discutimos a questão do material, temos também de ter em mente que mais e mais o mercado exige que os alunos de cursos de graduação saibam aplicar informações, analisando situações, sendo criativos. Todo o material, portanto, deve ser planejamento levando-se isso em conta e deve ser pensado para corroborar no desenvolvimento dessas habilidades (Vitorino, *opus cit.*, pág. 69).

Por fim, as aulas ao vivo eram, até há pouco, um momento de tensão coletiva, tanto da equipe de TV, quanto da Pedagógica, uma vez que nós fazemos tudo ao vivo, mas os resultados obtidos, foram nos motivando cada vez mais para a melhoria dessa forma de gerir educação e é acerca os aspectos positivos que iremos discorrer a seguir.

Agora, já colhemos alguns frutos

Vencidas as primeiras barreiras, sanados muitos dos problemas iniciais, devemos apontar que a interação com os alunos tem se mostrado, a cada dia, muito, muito, gratificante.

São inúmeros os testemunhos de seu aprendizado, de seu crescimento, do quanto gostam das aulas, do prazer que sentem ao discutir os trabalhos com os colegas de classe.

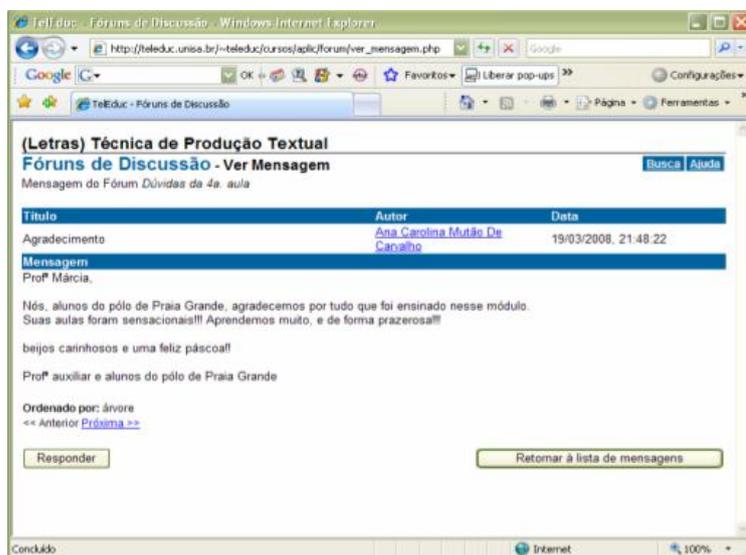


Ilustração 5 – Postagem no Fórum de Discussões

Quando, ao vivo, cobramos sua participação, ela é imediata. Abaixo transcrevemos o Fórum de uma aula ao vivo de Filosofia, no primeiro módulo do Curso de Letras deste ano mesmo. Além de elogios à aula do professor, podemos perceber o total interesse dos alunos no conteúdo ministrado:

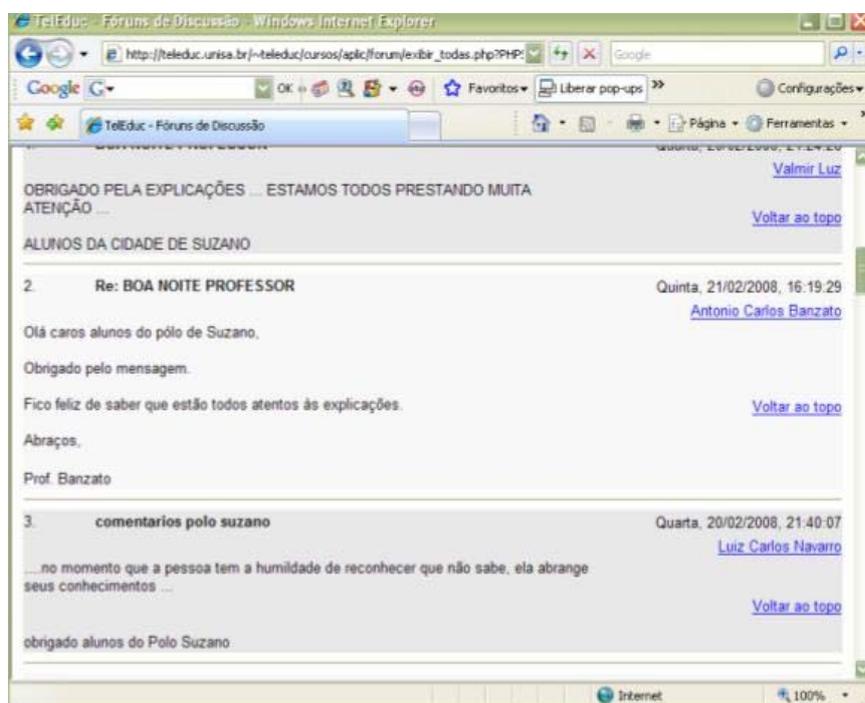


Ilustração 6 – Interatividade pelo Fórum de Discussões na Aula ao Vivo

Não menos interessante é o Fórum de Prática Pedagógica (aberto ao vivo), para o quinto módulo do mesmo curso:

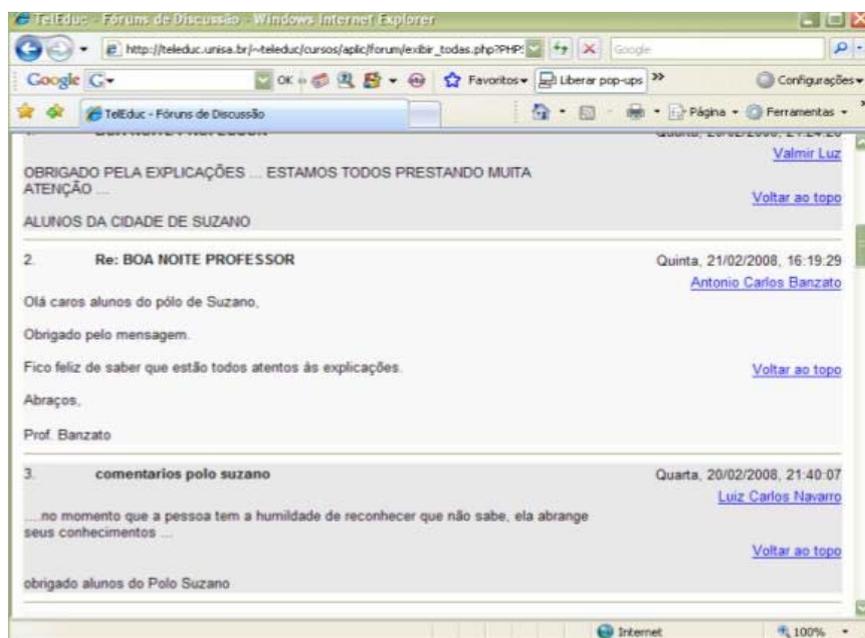


Ilustração 7 – Interatividade na aula de Prática Pedagógica

Moran (2005) explica que o bom curso (e aí situa não só os de EAD, como os presenciais), depende muito do tipo de educador nele envolvido. Segundo o autor, os professores devem ser *pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar* (pág. 1). É esse o cuidado que temos tido. Procuramos abrir espaço para o diálogo, para a participação, para que o

aluno possa sentir-se responsáveis também por seu aprendizado.

Considerações finais

Percebemos que, tanto quanto ocorre no ensino presencial, os estudantes matriculados em cursos a distância iniciam-no inseguros e preocupados e, com o desenvolver de suas competências, quando motivados e estimulados conseguem adquirir uma independência intelectual que muito difere daqueles que estão conosco cotidianamente. Gostam da aula e por ela sentem prazer. Como se pode ver o depoimento abaixo:

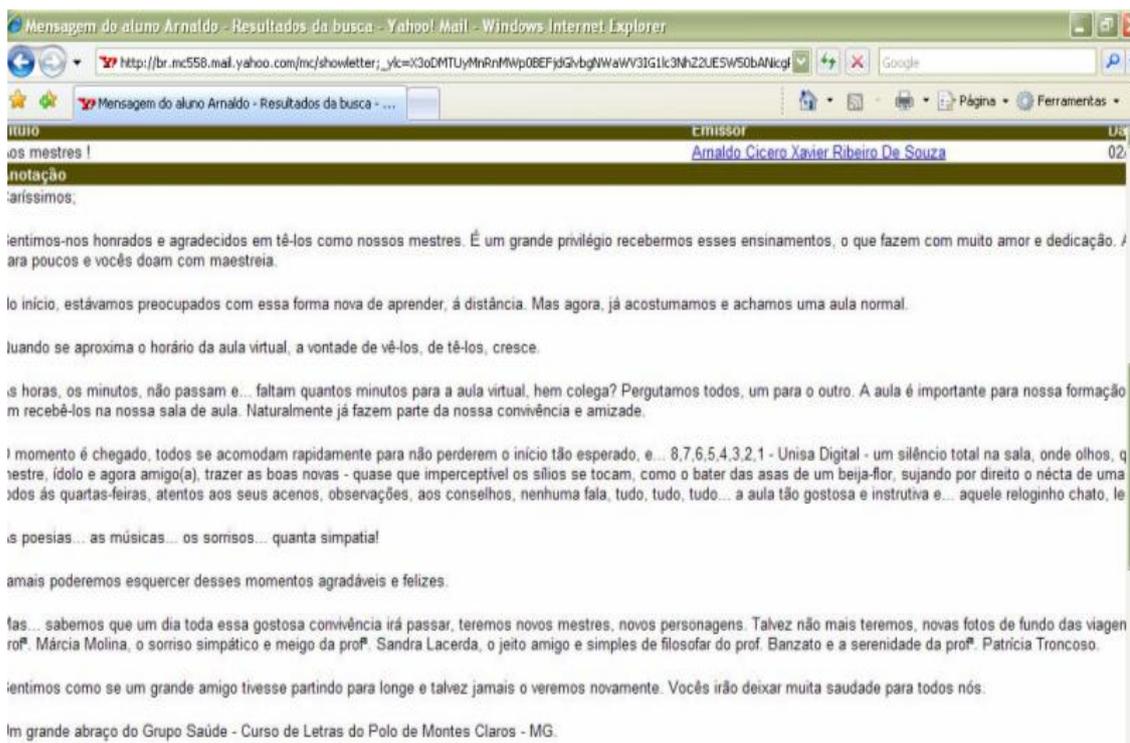


Ilustração 8 – Interatividade na aula de Prática Pedagógica

Importa lembrarmos sempre das palavras de Moran (2002) para quem a EAD não é um mero *fast-food*, mas uma prática que necessita de equilíbrio entre as habilidades individuais e as do grupo, portanto, tanto de educadores que *sabiam motivar e dialogar*; quanto de alunos *curiosos, motivados* para que se possam trocar experiências, *esclarecer dúvidas e inferir resultados*.

¹ Padre Roberto Landell é considerado o inventor brasileiro do rádio e é um dos pioneiros da radiodifusão sem fio. Por isso, a Fundação Educacional Padre Landell de Moura foi assim batizada. Da mesma forma, o CPQd (Centro de Pesquisas e Desenvolvimento), criado pela Telebrás em 1976.

Referências

AZEVEDO, D.R. de **O aluno virtual: Perfil e Motivação**. Dissertação de Mestrado, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CAVALCANTI, C. **Interatividade em Ambiente WEB – dando um toque humano a cursos on-line**. 16 Jan. 2006. Disponível em: <www.universia.com.br/materia/materia>. Acessado em 07 Jun. 2008.

DEMO, P. **Formação Permanente e Tecnologias Educacionais**. São Paulo, Editora Vozes, 2006.

MORAN, M.J. **O que é um bom curso a distância?** 02 Ago. 2005. Disponível em: <www.universia.com.br/materia/materia>..Acessado em 07 Mai. 2008.

_____. **O que é Educação a Distância?** 2002. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/textosEaD.htm> . Acessado em 07 Mai. 2008.

SARAIVA, T. **Educação a Distância no Brasil: lições da história**. Em Aberto. Brasília, ano 16, n. 70, p. 17-27, abr/jun, 1996.

TAVARES, V.R.C. **O ambiente inovador da EaD nas práticas pedagógicas**. 13 Dez 2006. Disponível em: <www.universia.com.br/materia/materia>. Acessado em 07 Mai. 2008.

VITORINO, E.V. **Educação a Distância (EaD) na percepção dos alunos**. Itajaí, Univali Editora, 2004.